

ATENÇÃO AO OLHAR CRÍTICO DOS PROFESSORES



Maria Malta Campos: Há uma enorme demanda reprimida por creches nas periferias das grandes cidades, o que não representa apenas uma demanda educacional, mas também indica urgentes necessidades sociais das famílias com crianças pequenas.



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 2

A Fundação SM e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) divulgaram no final de setembro os resultados da pesquisa, realizada com quase 9 mil professores de 19 estados, a respeito da qualidade da educação. Os dados foram apresentados pela pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Maria Malta Campos. Nesta entrevista, a professora comenta alguns dos dados que mais se destacaram na pesquisa e outros que surpreenderam. Além disso, comenta a tendência de que os professores atribuem a fatores externos os problemas de aprendizagem dos alunos. Maria Malta Campos estuda, pesquisa e atua no campo da educação infantil (pré-escolas e creches para crianças de zero a seis anos de idade) e da educação básica. Nesta entrevista ela também fala das carências e dificuldades que a educação infantil enfrenta. “Há uma enorme demanda reprimida por creches nas periferias das grandes cidades, o que não representa apenas uma demanda educacional, mas também indica urgentes necessidades sociais das famílias com crianças pequenas. Agora, mesmo para as crianças entre zero e cinco anos e 11 meses que já estão matriculadas na educação infantil, ainda permanecem graves problemas de qualidade nesse atendimento, especialmente nas creches”, comenta. Veja a entrevista completa, com a opinião da especialista sobre outros desafios da educação infantil:

FOLHA DIRIGIDA – A senhora apresentou no dia 24 de setembro os resultados da pesquisa “A qualidade do ensino sobre os olhos dos professores”, durante o Seminário de Educação e Cidadania, da Fundação SM, em São Paulo. Fale um pouco sobre a pesquisa e sobre as conclusões tiradas dos dados.

Maria Malta Campos – Essa foi uma pesquisa de opinião realizada com 8.773 professores de educação básica de 19 estados brasileiros. Eles responderam a um questionário composto de 58 perguntas fechadas, no qual os consultados deveriam expressar seu grau de concordância com diversas afirmações marcando suas respostas em escalas de tipo Lickert de cinco pontos. Por



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 3

exemplo, após lerem a afirmação “Se eu pudesse, mudaria de profissão”, eles poderiam marcar uma de cinco alternativas: concordo totalmente, concordo, indiferente, discordo e discordo totalmente. Em tempo: nesse caso 67% discordaram ou discordaram totalmente e 20% concordaram ou concordaram totalmente. É importante reter que, nesse tipo de questionário, não captamos a opinião dos respondentes de acordo com suas próprias formulações, mas apenas suas reações a afirmações enunciadas previamente no questionário. Nessa pesquisa, como existe a intenção de aplicar o questionário a professores de outros países da América Latina, as questões já vieram propostas da Espanha, sendo só traduzidas para o português. É uma pesquisa que foi promovida pela Organização dos Estados Ibero-americanos e pela Fundação SM. De forma geral, os aspectos da educação brasileira sobre os quais os professores se mostraram mais críticos constituem reais pontos de estrangulamento na educação básica: os desajustes presentes nas últimas séries do fundamental; a inadequação das opções curriculares no ensino médio; as dificuldades no diálogo entre escola e famílias; o desprestígio social da profissão docente; as deficiências de infraestrutura de muitas escolas; a necessidade de aproximar as propostas pedagógicas às necessidades e interesses dos alunos de hoje.

FOLHA DIRIGIDA – Como organizadora das informações, que aspectos lhe chamaram mais atenção, que dados surpreenderam mais?

Maria Malta Campos – Muitos resultados obtidos por essa pesquisa confirmam dados já trazidos por estudos anteriores, como por exemplo a tendência dos professores atribuírem os problemas de aprendizagem dos alunos a fatores externos a escola e a visão negativa que possuem sobre as famílias dos alunos. Porém, alguns aspectos trouxeram dados novos, sobre os quais precisamos ainda refletir melhor. Dentre todos os professores, aqueles que consistentemente se manifestaram mais críticos sobre quase todos os temas abordados foram os que atuam nas últimas séries do ensino fundamental. Parece que nesse segmento do ensino os problemas estão sendo sentidos de forma mais aguda pelos docentes: tanto problemas de aprendizagem, como questões de disciplina e convivência. São esses os professores que, em maior proporção, disseram preferir mudar de profissão. Isso merece atenção, pois apesar da onda de reformas pelas quais a educação passou nos últimos anos no país, nada mudou nessas séries desde os anos setenta, quando o antigo ginásio foi incorporado ao então 1º grau na LDB de 1971. Com a recente universalização do acesso ao ensino fundamental, grupos da população que antes não ultrapassavam a 3ª ou 4ª série agora estão prosseguindo sua escolaridade e talvez os desajustes entre as necessidades



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 4

e características desse novo público e a antiga estrutura de disciplinas isoladas ministradas por professores especialistas estejam se refletindo nessas respostas. Além disso, para os alunos que não apresentam atrasos escolares significativos, essa é a faixa etária que corresponde ao início da adolescência, etapa de desenvolvimento humano com a qual as escolas precisam saber lidar para poder garantir um ensino de qualidade e uma boa formação.

FOLHA DIRIGIDA – Agora, falando sobre educação infantil, a senhora está desenvolvendo alguma pesquisa ou atividade relacionada à esta etapa da educação?

Maria Malta Campos – No momento, eu estou participando de um projeto apoiado pelo MEC e pela Ação Educativa que está preparando um documento de auto-avaliação para ser usado por equipes de creches e pré-escolas, os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil. Esse projeto é semelhante a outro que foi desenvolvido para o ensino fundamental, já publicado. Atualmente estamos na fase de rever uma primeira minuta que já foi discutida em diversos seminários regionais realizados por todo o Brasil, com ampla participação. Em seguida, uma primeira versão deverá ser experimentada por grupos e escolas que queiram tomar parte no teste, para se chegar a uma versão final que possa ser divulgada e utilizada como instrumento de aperfeiçoamento da qualidade pelas próprias equipes das instituições públicas e particulares. Esse tipo de instrumento já é muito utilizado em diversos países e pode ser um importante apoio para o trabalho educativo com crianças pequenas entre nós. A equipe da Fundação Carlos Chagas já havia desenvolvido um documento anterior, publicado pelo MEC em 1985 e ainda bastante utilizado até hoje, os Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. De lá para cá muita coisa mudou, novas leis surgiram e o MEC se interessou em retomar o trabalho através desse novo projeto.

FOLHA DIRIGIDA – Qual a realidade da educação infantil hoje no Brasil? Que aspectos estão mais carentes de atenção da sociedade e do governo?

Maria Malta Campos – Os resultados da última PNAD divulgados recentemente pela imprensa mostraram que a educação infantil continua crescendo e incorporando porcentagens mais altas da população infantil, porém ainda enfrentamos sérios problemas de acesso para as faixas etárias menores de três anos e para as crianças das famílias mais pobres. Há uma enorme demanda reprimida por creches nas periferias das grandes cidades, o que não representa apenas uma demanda educacional, mas também indica urgentes necessidades sociais das famílias



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 5

com crianças pequenas. Agora, mesmo para as crianças entre zero e cinco anos e 11 meses que já estão matriculadas na educação infantil, ainda permanecem graves problemas de qualidade nesse atendimento, especialmente nas creches. Precisamos avançar muito no desenvolvimento de programações pedagógicas mais adequadas ao desenvolvimento integral das crianças, superando práticas de confinamento e controle dos movimentos e iniciativas infantís, oferecendo oportunidades de ampliação do conhecimento e de expressão das “cem linguagens da criança”, como dizem os italianos do norte.

FOLHA DIRIGIDA – O que vem sendo feito com o intuito de uma formação de professores de qualidade, atendendo as necessidades das crianças que se encontram na faixa etária de zero a seis anos?

Maria Malta Campos – Essa é uma longa discussão. As últimas reformas que incidiram sobre a formação de professores privilegiaram uma formação geral que deixou em segundo plano as especificidades das diversas etapas da educação onde atuam os professores polivalentes formados seja no curso normal seja no curso de pedagogia: a creche, a pré-escola, as primeiras séries do fundamental, a educação de jovens e adultos. Na realidade, uma pessoa que se forme no curso de pedagogia e vá trabalhar em uma creche, por exemplo, quase não estudou nada a respeito dessa instituição: pouco sabe sobre sua história, sobre os direitos das mulheres, sobre essa fase do desenvolvimento infantil, sobre as culturas da infância, sobre o significado do brincar, sobre os cuidados com a saúde e a alimentação da criança pequena, entre muitos outros aspectos fundamentais.

Minha opinião pessoal é que, antes de se direcionar para uma determinada etapa de ensino, o professor ou a professora deveria ser preparado/a para as características específicas daquela faixa de idade, para as necessidades e potencialidades das crianças que estão presentes naquele nível educacional, dominando a pedagogia adequada para aquela etapa, que obviamente precisa ser muito diferente conforme se trate de bebês ou de crianças maiores, de adolescentes ou de adultos trabalhadores. Nesse sentido, os currículos dos cursos de formação precisariam prever, além da formação geral, módulos especializados para creches, pré-escolas, primeiras séries e assim por diante. Sei que esse é um tema polêmico, mas essa é minha convicção.

FOLHA DIRIGIDA – Quais as políticas que sustentam a formação de professores que trabalham com a educação infantil?



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • outubro/2008 • página 6

Maria Malta Campos – Nos últimos anos, foram implantados diversos programas de formação voltados para os educadores de creche e de pré-escola que já atuavam nessas instituições, mas que não eram formados, seja no curso normal, seja no curso de pedagogia. Então são geralmente cursos até certo ponto emergenciais, que utilizam estratégias de educação a distância.

Geralmente são ofertados para prefeituras que mantém escolas de educação infantil e primeiras séries do fundamental. No entanto, salvo honrosas exceções, as programações contemplam pouco a realidade das creches e pré-escolas, apresentando o mesmo problema já comentado sobre os cursos regulares. ✕

Entrevista publicada na FOLHA DIRIGIDA, em outubro de 2008.

Assinada por Jussara Santos.